

Sergio Wanderley |
Alexandre Faria |

Descolonizando a gestão estratégica: o (des)encontro Alfred Chandler-Celso Furtado

RESUMO

Alfred Chandler é o autor do livro mais citado na área de gestão estratégica – *Estratégia e estrutura* (1962) – e é tido como o principal fundador de uma área que se mostra incapaz de escapar das amarras da universalidade eurocêntrica. Suas ideias e conceitos viajam pelo mundo como se fossem neutras e aplicáveis a qualquer contexto. Celso Furtado, renomado economista brasileiro, tido como um dos autores seminais da teoria da dependência, apesar de ter muito a contribuir para a área de gestão estratégica (GE), continua negligenciado. Neste artigo propomos a descolonização de GE a partir do Brasil por meio do foco no (des)encontro de Chandler e Furtado para torná-lo um campo multipolar e plural. A análise se concentra em três níveis interdependentes: 1) macro: a grande narrativa da Guerra Fria; 2) meso: o conhecimento subalterno coproduzido por Cepal e Furtado; 3) micro: a identidade nacional mobilizada por cada autor.

Palavras-chave

Colonialidade, Guerra Fria, *management*, subdesenvolvimento.

ABSTRACT

Alfred Chandler is author of the most cited book in the field of strategic management, Strategy and Structure (1962), and taken as the founding father of an area which seems not capable of overcoming the design of Eurocentric universality. His ideas and concepts have traveled worldwide as universal truths applicable to every context. Celso Furtado, renowned Brazilian economist, taken as one of the founders of dependency theory, though has much to contribute to the field of strategic management (SM), remains neglected. In this article we propose a critical decolonialization of SM by spotting the Chandler-Furtado (dis) encounter in order to transform it into a multipolar and plural field. Our analysis focuses on three interdependent levels: 1) at the macro level, the grand narrative of the Cold War; 2) at the meso level, the subaltern knowledges co-produced by Eclac and Furtado; 3) and at the micro level the national identity espoused by each author.

Keywords

Cold War, coloniality, management, underdevelopment.

Introdução

Os sistemas desenvolvidos no Norte baseados na ideia de mercado livre e comandados por grandes empresas geridas pela “mão visível” – modelo traduzido nos EUA por Chandler (1977) como “capitalismo gerencial” e avaliado como superior a outros tipos de capitalismo – têm mostrado sinais de obsolescência. A cumplicidade de instituições de *management* no caso Enron (ver GHOSHAL, 2005) e a deflagração da crise da ordem neoliberal nos países desenvolvidos com a quebra da Lehman Brothers são as faces mais evidentes deste processo. É necessário descolonizar a área de gestão estratégica (tradução livre de *strategic management* na versão estadunidense).

No período da Guerra Fria, o campo de gestão estratégica (GE) adotou a ciência econômica para construir sua legitimidade acadêmica (PETTIGREW *et alii*, 2002) e marginalizou a dimensão da política e concepções centradas no Estado por estarem supostamente associadas ao comunismo (KELLEY *et alii*, 2006). De uma perspectiva unilateral e com base nas amarras fornecidas pelo universalismo eurocêntrico, o campo não somente negligenciou política, geografia e história por mais de 50 anos nos EUA, como também impediu encontros acadêmicos através da divisão Norte-Sul que poderiam evitar a atual crise de legitimidade da área e também as dificuldades que enfrentamos para agir e pensar estrategicamente de uma perspectiva de multipolaridade.

Alfred Chandler é considerado o principal fundador do campo de gestão estratégica e é o autor do livro mais citado neste campo até hoje, *Estratégia e estrutura* (1962). Suas ideias e conceitos viajaram por todo o mundo como sendo universais e aplicáveis a qualquer contexto (PETTIGREW *et alii*, 2002). Celso Furtado, renomado economista brasileiro, considerado por alguns como um dos autores seminais da teoria da dependência (BRESSER-PEREIRA, 2011), apesar de ter muito a contribuir para o campo de GE, acabou sendo negligenciado.

Neste artigo, propomos a descolonização da área de GE a partir do Brasil por meio do foco no (des)encontro de Chandler e Furtado como forma de construir um campo que seja multipolar e plural (MIGNOLO, 2011).

Uma perspectiva decolonial a partir das margens do Sul

A fim de (re)construirmos a análise histórica do (des)encontro de Chandler e Furtado, escolhemos a perspectiva decolonial elaborada por autores latino-americanos. O principal autor do projeto Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade é o filósofo e semiólogo argentino Walter D. Mignolo. Mignolo se baseia principalmente nos conceitos desenvolvidos por outro filósofo argentino, Enrique Dussel (1993), e pelo sociólogo peruano Anibal Quijano (2000). Segundo Mignolo (2011), a “colonialidade” é o lado negro e inseparável da modernidade (eurocêntrica) e que é negado pela mesma. Modernidade e colonialidade são partes inseparáveis do mesmo fenômeno e surgem simultaneamente com a “descoberta” da América por Cristóvão Colombo, em 1492, e não somente nos séculos XVII-XVIII, como proposto pela modernidade europeia (DUSSEL, 1993). “Colonialidade” é um neologismo criado para designar a dominação de poder, do ser e do conhecimento que persiste por um longo período, mesmo após a eliminação da dominação política do colonialismo, e que impõe a racionalidade da modernidade de uma perspectiva racista e meramente europeia. Como consequência, conhecimento e realidades locais são encobertos, e assim ignorados, pela lógica única da modernidade europeia, e portanto necessitamos da decolonialidade para libertá-los. Como a modernidade atingiu todas as sociedades do mundo, segundo Mignolo (2011), precisamos nos mover para as margens do sistema a fim de criar alternativas para a modernidade. Assim, não há uma parte externa à modernidade; consequentemente, “o pensamento da margem é a epistemologia da exterioridade, isto é, do externo gerado a partir do interno” (MIGNOLO & TLOSTANOVA, 2006, p. 206).

Um conceito central para a promoção de teorização a partir da margem é o “*locus* de enunciação”. Para Mignolo (2011), devemos mobilizar a geopolítica do conhecimento a fim de mudar o foco naquilo que é enunciado para a enunciação; para tanto, devemos nos perguntar “quem e quando, por que e onde o conhecimento é gerado” (MIGNOLO, 2009, p. 4). É através do pensamento a partir das margens do Sul que podemos descolonizar histórias e teorizações locais como a de Furtado, que foram suprimidas pela colonialidade epistêmica (IBARRA-COLADO, 2006) imposta a partir de uma perspectiva colonialista de modernidade.

Chandler-Furtado: 50 anos de (des)encontros Norte-Sul

A compreensão do (des)encontro de Chandler e Furtado requer três níveis de análise. A grande narrativa da Guerra Fria é uma característica central ao longo de todo o período de produção acadêmica dos dois autores. A investigação do papel da Guerra Fria no desenvolvimento da área de administração no Brasil ainda está por ser realizada (como exceções, ver FARIA & GUEDES, 2010; e ALCADIPANI & BERTERO, 2012).

Após a análise da obra dos dois autores e sobre eles, decidimos implementar os três níveis de análise abaixo:

Tabela 1 – Níveis de análise

NÍVEL	TÓPICO
Macro	Grande narrativa da Guerra Fria
Meso	Conhecimento subalterno produzido por Cepal e Furtado
Micro	Identidade nacional assumida por cada autor

Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Cabe ressaltar o entrelaçamento dos níveis de análise ao longo do período da análise histórica apresentada neste artigo. Os níveis meso e micro desafiam a suficiência da Guerra Fria (normalmente descrita na literatura em *management* como um período fixo no tempo e em geral de uma perspectiva do Norte) para uma análise histórica decolonial focada em mecanismos, agentes e estruturas de geopolítica do conhecimento que desafia as análises eurocêntricas da Guerra Fria (ver Tabela 2).

A seguir, passamos à descrição do caso Chandler-Furtado em cada um dos níveis de análise.

A propagação do *management* dentro da grande narrativa da Guerra Fria: por que o *American way* se tornou universal

A questão mais importante a partir de uma perspectiva decolonial é entender por que o *status* disciplinador do conhecimento de *management* e GE produzido nos EUA tornou-se aceito tanto no Norte quanto no Sul como “verdades objetivas e universais para a organização de relações de trabalho” (JACQUES, 1996, p. xiii).

Vários autores do Norte já argumentaram que tanto *management* como algumas de suas disciplinas foram geradas nos EUA no contexto da Guerra Fria, que tanto propiciou quanto restringiu a construção do campo (COOKE,

1999; COOKE *et alii*, 2005; KELLEY *et alii*, 2006; McLAREN & MILLS, 2008). O *ideal manager* gerado no contexto da Guerra Fria, que se caracterizava por ser “um homem educado que assumia sua autoridade e aceitava responsabilidade social” (McLAREN & MILLS, 2008, p. 386), muito se aproxima da descrição feita por Chandler (1977) dos gestores que ele representa como *visible hand* em oposição à noção de *invisible hand*.

O contexto da Guerra Fria ajuda a explicar por que Chandler se tornou um dos pais do campo de GE. Este mesmo contexto ajuda a explicar como influentes instituições nos EUA, tais como as fundações Ford e Carnegie, conseguiram tornar GE o subcampo mais importante dentro do *management* em tempo recorde. Entendemos que isso ocorreu em detrimento de instituições (tanto no Norte quanto no Sul) que concebiam e teorizavam estratégia a partir de uma perspectiva outra. Cummings e Wilson (2003) argumentam que a estrutura hierárquica triangular proposta por Chandler (1962) para representar a corporação moderna e a gestão *made in US* correspondeu à descrição feita pelos influentes relatórios sobre as escolas de negócios feitos pelas fundações Ford e Carnegie. Especialmente após a Revolução Cubana, estas fundações “científicas” tiveram importante papel não apenas na disseminação para a América Latina do modelo estadunidense de *management* (GUEDES & FARIA, 2010), mas também nos processos de constituição da própria academia na região por meio da legitimação e do fortalecimento de mecanismos de geopolítica que informam a universalidade eurocêntrica (PARMAR, 2002).

A construção de GE e do *ideal manager* se dá num momento em que os EUA podiam impor o seu próprio “sistema cultural [...] como uma estrutura objetiva, neutra e universal na qual todos os demais artefatos culturais poderiam ser sublimados” (JACQUES, 1996, p. xv). Após o fim da Segunda Guerra Mundial, as duas grandes potências nucleares, EUA e URSS, impuseram uma divisão ideológica que anulou a noção de mundos. De uma perspectiva decolonial, a Guerra Fria representa também uma “guerra entre diferentes versões de modernização” (COOKE *et alii*, 2005, p. 10), e é correto afirmar que a mesma não representa uma descontinuidade histórica. Como será visto na próxima sessão, Chandler e Furtado assumiram versões opostas de modernização, apesar de Furtado não ter subscrito nenhuma das versões defendidas pelos impérios globais.

O conhecimento subalterno produzido pela Cepal e por Furtado

Classificamos este nível de análise como “meso”, já que a Cepal – Comissão Econômica para a América Latina – e Furtado promoveram a construção de teorizações e de um modelo de desenvolvimento para a América Latina que

desafiava tanto o conhecimento ortodoxo imposto por estruturas e mecanismos de geopolítica de conhecimento quanto as intervenções materiais efetuadas pelo Norte.

Autores argumentam que o início da Guerra Fria se deu com a reeleição do presidente Truman nos EUA. No seu discurso de posse, em 20 de janeiro de 1949, Truman lançou o programa Ponto IV, que se tornou um importante instrumento para o financiamento da disseminação do conhecimento em *management* dos EUA para o Terceiro Mundo como uma forma de bloquear a expansão do comunismo. Naquele momento, Furtado, após titular-se como Ph.D., em 1948, vai para Santiago, Chile, trabalhar na Cepal. Esta havia sido criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como agência com mandato provisório de três anos para propor soluções para a região.

Durante a segunda conferência da Cepal, em Cuba, em 1949, Raúl Prebisch apresentou o relatório que depois seria conhecido como o “Manifesto de Havana”. Esse relatório apresentou pela primeira vez os conceitos de centro-periferia na economia global e formulou uma proposta de desenvolvimento promovido pelo Estado que se opunha à visão ortodoxa vigente. Essa visão ortodoxa previa que os países subdesenvolvidos deveriam seguir os ditames dos países desenvolvidos se quisessem alcançá-los. Especialistas de países tanto desenvolvidos como em desenvolvimento concordaram que “um novo debate estava sendo lançado” (DOSMAN, 2011, p. 285). Essas ideias e as teorizações correspondentes foram vistas como uma ameaça à disseminação das teorias, conhecimentos e instituições estadunidenses para a América Latina. O manifesto desafiava o “falso senso de universalismo existente na teoria usada nos países desenvolvidos” (PREBISCH, 1949, p. 17). Furtado compreendeu a força dessas propostas teóricas e traduziu-as para o português, fazendo-as circular no Brasil antes mesmo de se tornarem um documento oficial da ONU (FURTADO, 1998).

Podemos argumentar que a Conferência de Havana demarcou o lançamento de um novo conhecimento subalterno produzido no Sul, ao qual Furtado imediatamente se alinou e que, posteriormente, representaria um distanciamento importante das perspectivas (re)produzidas por Chandler no Norte, que acabou sendo negligenciado pelo campo de GE também no Brasil.

A reação à propagação das novas ideias lançadas pela Cepal foi imediata e resultou no programa Ponto IV, que financiou uma série de palestras no Rio de Janeiro – na época, tida por muitos como a capital intelectual da América Latina. Para Furtado, isso foi feito com o objetivo de “restaurar a boa doutrina [...] para limpar o ambiente intelectual dos miasmas cepalinos” (FURTADO, 1998, p. 19). Claramente, mas talvez sem se dar conta do fato, Furtado estava escolhendo o seu lado, ou, mais corretamente, construindo um “outro lado” que acabou sendo subalternizado pelas estruturas e

mecanismos da geopolítica eurocêntrica do conhecimento. Os debates produzidos nestas palestras tiveram um tom altamente ideológico: Jacob Viner, economista ortodoxo americano, chocou a plateia ao sugerir que a América Latina deveria manter-se fiel à agricultura e promover o controle da natalidade, ao invés de sucumbir aos encantos da diversificação (DOSMAN, 2011). Como apontado por análises históricas que não reproduzem a perspectiva do Norte, durante o período da Guerra Fria, qualquer desenvolvimento acadêmico que diferisse da visão clássica era classificado como pró-comunista (COOKE, 1999; McLAREN & MILLS, 2008).

O conhecimento (subalterno) coproduzido por Cepal e Furtado foi ignorado (não totalmente) pelas instituições locais e pelos proponentes da corrente dominante em *management* e GE. O episódio descrito no parágrafo anterior ilustra como as estruturas e mecanismos de colonialidade epistêmica (IBARRA-COLADO, 2006) se articulam para encobrir conhecimento(s) e teorizações produzidos no Sul.

O desenvolvimento do *management* em geral, e de GE em particular, poderia ter sido mais comprometido com a necessária multipolaridade se o Norte tivesse assimilado as teorizações e os modelos que estavam sendo formulados pela Cepal. O programa de envio de acadêmicos do Norte para o Sul patrocinado pelo Ponto IV poderia ter gerado um engajamento com conhecimento e realidades locais. Entretanto, o período foi marcado pelo envio de acadêmicos da corrente dominante no Norte para a América Latina para doutrinar suas teorias, e não para apr(e)ender os conhecimentos locais subalternos.

Enquanto esse debate sobre desenvolvimento acontecia na América Latina, no início dos anos 1950 Chandler obteve o seu grau de Ph.D. na Universidade de Harvard. Um de seus professores foi Talcott Parsons, sua maior influência acadêmica (McCRAW, 1987). Chandler utilizou os conceitos de Parsons sobre o papel do governo e das empresas no desenvolvimento. Segundo Parsons, de acordo com a perspectiva civilizatória da modernidade eurocêntrica e correspondentes mecanismos de colonialidade no contexto da Guerra Fria, as sociedades subdesenvolvidas que buscavam aumentar sua produtividade por meio de burocracias baseadas no Estado, em detrimento das ações descentralizadas orientadas pelo mercado, estavam fadadas ao fracasso no longo prazo. Cabe destacar que, no momento em que Chandler estava estudando em Harvard, esta influente universidade engajou-se na Guerra Fria (e ao fazê-lo engajou o *management* tal como passou a ser conhecido no mundo todo) ao declarar nas páginas da conceituada e influente *Harvard Business Review* que a guerra contra o comunismo tornara-se a mais elevada prioridade na missão civilizatória liderada por aquela instituição de *management* (SPECTOR, 2006).

Nessa época, Furtado estava na Cepal desafiando as teorias ortodoxas de desenvolvimento que tinham como prioridade garantir a “ordem americana”

e bloquear o avanço do comunismo no Terceiro Mundo. O *locus* de enunciação (MIGNOLO, 2011) de Chandler era a teoria de modernização do Norte materializada por instituições acadêmicas poderosas engajadas na mobilização de estruturas e mecanismos de geopolítica do conhecimento; por sua vez, o *locus* da Cepal eram as periferias da América Latina e as possibilidades materializadas nas margens das instituições acadêmicas estabelecidas na região: “A Guerra Fria foi uma parte constitutiva da teoria de modernização [...] O viés a-histórico da teoria de modernização foi uma tentativa de produzir uma teoria universal a partir da experiência e ideologia do centro da economia mundial” (GROSGUÉL, 2002, p. 359).

Contrariamente à pretensão dessa teoria universal, a proposta de que desenvolvimento e subdesenvolvimento são processos simultâneos, isto é, duas faces da evolução histórica do sistema capitalista (SUNKEL, 1972), foi a base da teorização subalterna coproduzida por Cepal e Furtado. Essa teorização, que é análoga à teorização de modernidade proposta pelo programa de modernidade/colonialidade na América Latina, representou uma ruptura epistêmica importante produzida no Sul que conseguiu viajar para outros centros que constituíam a “periferia” devido aos diferentes processos de descolonização observados principalmente na África. Esta teorização vinda da América Latina desafiava a teoria universal produzida no Norte e as políticas correspondentes que prescreviam o subdesenvolvimento como uma fase no caminho para o desenvolvimento, que seria atingido caso os países subdesenvolvidos seguissem os métodos ortodoxos e se comprometessem a seguir o “conhecimento correto” (ROSTOW, 1960).

Um dos exemplos mais claros da estratégia promovida pelo programa Ponto IV foi o título do livro de W. W. Rostow (1960) *Os estágios do crescimento econômico: um manifesto não comunista* (ver COOKE *et alii*, 2005). Rostow foi colega de Chandler no MIT e um dos principais autores da teoria de estágios para a modernização que propunha o modelo estadunidense “como o ponto final lógico do desenvolvimento econômico e social” (WHITTINGTON *et alii*, 2002, p. 477). O modelo de Chandler (1962) da evolução da empresa para um formato multidivisional apresentado em *Estratégia e estrutura* reproduz a mesma lógica de progresso estabelecida pelo modelo de estágios para a modernização (WHITTINGTON *et alii*, 2002).

Portanto, se Furtado estava propondo algo diferente desse modelo de estágios, os mecanismos de geopolítica do conhecimento na época determinavam que ele estaria escolhendo “o outro lado”. Da perspectiva arrogante do centro, a Guerra Fria não admitia propostas “intermediárias”; por conseguinte, o que Furtado escreveu nas páginas de *Foreign Affairs* sobre o “Segundo Mundo” foi desconsiderado, e esse ato de arrogância, que ilustra o quanto os mecanismos de colonialidade epistêmica afetam o centro,

continua custando caro para a área de GE. Furtado argumentava que “o rápido desenvolvimento econômico dos países socialistas só foi alcançado ao preço da restrição da liberdade civil [...] além do limite do que poderia ser considerado tolerável” (FURTADO, 1963, p. 530). Assim, Furtado teve o seu campo determinado pela grande narrativa eurocêntrica da Guerra Fria, e por ter optado por advogar a teorização produzida pela Cepal. Mais tarde, assim como a área de GE continua sofrendo até hoje com a incapacidade de engajar o multipolarismo emergente, Furtado sofreria as consequências de ter optado pelo “outro lado da linha abissal” (SANTOS, 2010).

No final dos anos 1950, a disseminação da Guerra Fria para a América Latina atingiu um ponto de inversão quando, em 1959, as tropas de Fidel Castro e Che Guevara conquistaram Cuba e não somente transformaram o imaginário (geo)político na América Latina como também levaram ao reforço do Estado corporativo ou sociedade corporativa nos EUA. A ameaça da expansão comunista por toda a região tornou-se, aparentemente, iminente. Foi no mesmo ano de 1959 que Furtado lançou sua obra-prima, *Formação econômica do Brasil*. Ele desenvolveu uma perspectiva interdisciplinar original com uso intenso da perspectiva histórica. É correto afirmar que o engajamento na perspectiva histórica era similar ao movimento epistêmico que levou Chandler a produzir o clássico *Estratégia e estrutura*. Através das lentes estruturalistas propostas pela Cepal e diferentemente do estruturalismo eurocêntrico assumido por Chandler na época, Furtado procurava explicar o subdesenvolvimento do Brasil por meio de uma abordagem que realçava as estruturas e mecanismos de colonização do país e da região. Furtado não era, entretanto, um historiador profissional como Chandler nem contava com as credenciais correspondentes fornecidas por Harvard para influenciar instituições acadêmicas, fundações científicas e áreas do conhecimento acadêmico nos EUA. Por sua vez, em 1959, após uma série de artigos publicados na *The Business History Review*, Chandler publicou o artigo “The Beginnings of ‘Big Business’ in American Industry”. Esse artigo tornou-se a base de *Estratégia e estrutura*, que viria a ser lançado em 1962 e se tornaria um clássico após a publicação (em tempo recorde para um compêndio de história tornar-se referência em *management*) devido à contratação de Chandler pela Harvard Business School. Há uma semelhança nos anos de publicação e até mesmo na perspectiva histórica utilizada pelos autores; contudo, as divergências que cresceram ao longo dos anos 1950 como resultado da Guerra Fria, da ascensão da Cepal e de Furtado como produtores de conhecimento e teorizações sobre desenvolvimento e dos processos específicos de construção de identidade nacional na época levaram os dois a teorizações diferentes, que deveriam ter sido reconhecidas pela área de GE.

Tabela 2 – Principais características das trajetórias dos autores

DESCRITORES	ALFRED CHANDLER	CELSE FURTADO
Nascido	Du Pont	Família rica, região muito pobre
Ph.D.	História em Harvard 1952	Economia na Sorbonne, 1948
Locus de enunciação	Norte	Sul
Carreira acadêmica	EUA	Brasil-EUA-França
<i>Chef-d'oeuvre</i>	<i>Strategy and Structure</i> , 1962	<i>Formação econômica do Brasil</i> , 1959
Método	História econômica comparada	História econômica comparada
Maior influência	Talcott Parsons	Karl Manheim
Liderança acadêmica	<i>Strategic management</i>	Teoria da dependência
Direitos políticos	Inatingidos	Exilado em 1964
Participação no Estado	Editor dos papéis de Eisenhower	Ministro do Planejamento e da Cultura
Participação na guerra	Marinha americana	Frente de batalha na Itália
Estado	Fora do escopo	Saída do subdesenvolvimento
Grande empresa no desenvolvimento	O próprio agente	Obstrui o potencial da sociedade latino-americana
<i>Manager</i>	<i>Visible hand</i> (1977)	Concentração de poder
Estrategista	<i>Top manager</i>	Planejamento
Estratégia deliberada	<i>Top manager</i>	Estado
Agente desenvolvimento	Grande empresa	Estado
Teoria modernização	Estágios – do centro	Estruturalismo da Cepal
Modelo americano	Arquétipo a ser replicado	Falso senso de universalismo

Fonte: Preparado pelos autores.

Identidade nacional

Os diferentes processos de construção de identidade nacional ajudam a colocar em contexto tanto a dimensão geopolítica quanto o aspecto cultural e representam o nível micro de análise, trazendo à tona a perspectiva dos autores pesquisados. Esse nível de análise enfatiza a influência dos diferentes *loci* de enunciação na perspectiva de cada autor, ilustrando o argumento de que “sou onde eu faço” (MIGNOLO, 2011, p. 77).

Celso Furtado nasceu em uma rica família, mas em uma das regiões mais pobres do Brasil. Ele completou seu Ph.D. em economia em uma Paris devastada pela guerra, em 1948, depois de servir por um ano como oficial militar na frente de batalha na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Alfred Chandler, membro da abastada família Du Pont, também serviu aos aliados, por cinco anos, como oficial da Marinha. Entretanto ele não foi exposto à frente de batalha. Depois da guerra, retornou aos EUA, onde obteve seu Ph.D. em história em

1952, na Universidade de Harvard. Chandler nasceu em 1918, dois anos antes de Furtado, e sobreviveu a Furtado por três anos, tendo falecido no ano de 2007.

A partir de sua posição nos EUA e em Harvard, Chandler influenciou gerações de pesquisadores e disciplinas em muitos países e regiões. Como historiador profissional, ele ofereceu ao campo de *management* uma perspectiva particular sobre o papel das grandes empresas americanas e seus gestores no desenvolvimento econômico daquele país. Desafiando muitos historiadores de seu tempo, Chandler (1959, p. 31) estabeleceu o pressuposto de que “a principal inovação na economia americana entre 1880 e a virada do século XX foi a criação das grandes corporações na indústria americana”.

Furtado foi testemunha da eficácia do nacionalismo, do regionalismo e do planejamento do governo na reconstrução da França e da Europa após a guerra; esses contextos culturais e geopolíticos tiveram influência significativa na sua produção acadêmica. Chandler vivenciou durante os cinco anos da Segunda Guerra Mundial a força do planejamento do governo; entretanto, ele descreveu a Marinha dos EUA como uma organização que implementou a estratégia dos aliados (CHANDLER, 2009). Certamente influenciado pelo nacionalismo ou patriotismo americano e pelo modo particular como a identidade nacional era construída e fomentada na época, ele descreveu as ferrovias americanas de modo semelhante. Devemos ressaltar que esse estudo significou muito para Chandler por ter se baseado nos arquivos herdados de seu bisavô, Henry Varnun Poor, um analista financeiro cofundador da empresa que se transformaria na Standard & Poor's e que atuou durante muitos anos como editor do *American Railroad Journal*, adquirido em 1849 por seu irmão. Foi a partir dessa base, que fornecia uma extensa e profunda análise operacional e financeira das estradas de ferro nos EUA, que Chandler produziu uma série de artigos, sua tese de doutorado e ainda um livro (McCRAW, 1987).

Nos anos 1970, Chandler foi apresentado ao mundo por Harvard como o fundador do campo de GE, enquanto Furtado se tornou conhecido como um dos criadores da teoria da dependência. Ambos compartilhavam o entendimento de que a estratégia deliberada é o caminho correto para alcançar o desenvolvimento. Todavia, diferentes experiências, origens e posições forjaram identidades nacionais que levaram esses autores a diferentes proposições sobre o que é estratégia e quem é o estrategista. É correto argumentar que eles representavam a “grande corporação” a partir de perspectivas teóricas opostas como resultado das identidades nacionais específicas que cada um abraçou ao longo de seu respectivo desenvolvimento acadêmico. Isso serve para ilustrar o argumento de que o mesmo evento pode ter significados diferentes para diferentes acadêmicos e que isso depende de sua formação cultural, mais especificamente “de suas configurações geo-históricas e biográficas atravessadas pelas diferenças coloniais e imperiais” (MIGNOLO, 2011, p. 98).

Estratégia e estrutura tornou-se o livro mais citado de Chandler e é considerado, até hoje, o trabalho seminal em GE (SMOTHERS *et alii*, 2010). Neste influente livro, Chandler (1962) mostrou que as grandes corporações comandadas pelos gestores profissionais explicava a *performance* superior do capitalismo dos EUA (SMOTHERS *et alii*, 2010). Entretanto, Furtado propugnava o investimento e o planejamento do Estado como a forma de superação do subdesenvolvimento, que na sua visão era causado, principalmente, pelas grandes corporações decantadas por Chandler nos EUA. Podemos argumentar que essas perspectivas eram fortemente influenciadas pela identidade nacional assumida por cada um dos autores. Na opinião de Furtado (1966a), a expansão das grandes corporações estava obstruindo o potencial de crescimento das sociedades da América Latina, já que elas serviam principalmente aos interesses militares e à grande estratégia para o Terceiro Mundo: “A grande corporação americana parece um instrumento tão inadequado para lidar com os problemas latino-americanos quanto um poderoso exército mecanizado para lidar com uma guerrilha” (FURTADO, 1966b, p. 384). Diferentemente de Chandler, e em linha com o argumento decolonial de que “sou onde eu faço” (MIGNOLO, 2011, p. 77), Furtado fez uma forte afirmação contra uma teorização local tornar-se um desenho global, como acontecia nos EUA. Ele argumentava que o *management* não é um fenômeno observável em todos os tipos de organização, desde a socialista até a tribal (FURTADO, 1961).

Furtado colocava sua própria teoria em prática, e isso teve importância crucial na construção de uma identidade nacional particular, que tanto propiciou quanto inibiu seu trabalho como acadêmico: a primeira posição de Furtado no governo veio com um convite do presidente Juscelino Kubitschek (1956-60), feito em 1958, para formular e implementar a Sudene. Posteriormente, Furtado foi nomeado como o primeiro ministro brasileiro do Planejamento, na gestão de João Goulart (1961-64), cuja administração era considerada – principalmente por analistas norte-americanos – de esquerda, pondo em risco o capitalismo na América Latina. Essa percepção tornou-se ainda mais exacerbada pelo fato de Goulart ter assumido o poder logo após a Revolução Cubana. O governo Goulart foi derrubado pelo golpe militar de 1964, que levou Furtado e muitos outros intelectuais e políticos brasileiros ao exílio. O longo período de Furtado no exílio só terminaria em definitivo no início dos anos 1980.

Apesar de Furtado ter servido ao governo por somente cinco anos antes de partir para o exílio e retomar suas atividades acadêmicas, podemos afirmar que essa experiência forjou a identidade nacional que impregnaria sua produção. Essa experiência o levaria a distanciar-se ainda mais das perspectivas de Chandler. Este nunca trabalhou diretamente para o governo americano, mas esteve muito próximo de questões de Estado: Chandler (1970) lançou, como editor-chefe, *The Papers of Dwight Eisenhower*. Eisenhower foi o general que

comandou os aliados durante a Segunda Guerra Mundial e depois se tornaria presidente dos EUA (1953-61). Chandler (1970) considerava os esforços de guerra do governo da mesma maneira como concebia as grandes corporações e apresentava o general Eisenhower de modo semelhante a como descrevia os líderes corporativos (HURLEY, 1971). Assim, argumentamos que esta posição de confiança com a qual Chandler foi agraciado pode ter refinado ainda mais sua identidade nacional, que se manifestaria na sua produção.

Em setembro de 1964, Furtado foi nomeado diretor do centro de desenvolvimento da Universidade de Yale, onde conheceu o professor Stephen Hymer, com quem manteve um contato intelectual próximo. Furtado reconheceu que Hymer foi importante para ele no sentido de despertar seu interesse para o papel da grande corporação como agente do capitalismo (FURTADO, 1974). Essa influência pode ter contribuído para a visão que Furtado desenvolveu da grande empresa e do gestor, bem diferente da perspectiva de Chandler.

Furtado faleceu em 2004, logo após um movimento promovido por seus pares tê-lo indicado para o Prêmio Nobel de Economia. Alguns meses antes de falecer, num testemunho para um documentário biográfico, Furtado deixa transparecer seu nacionalismo ao mostrar-se ainda intrigado com sua pergunta original de pesquisa: “Por que esta especificidade do Brasil? Por que o Brasil é tão diferente?” (MARIANI, 2004).

Um ano após o falecimento de Furtado, Chandler, ainda ativo do alto de seus 88 anos, coedita *Leviathans* (2005), cujo título é a designação dada às multinacionais consideradas por ele como tendo se originado das profundidades da criatividade humana. Podemos argumentar que, nos 43 anos que separam *Estratégia e estrutura* (1962) de *Leviathans*, tanto a admiração de Chandler pelo modelo das grandes corporações quanto a perspectiva nacionalista a partir da qual ele as descreve não esmoreceram nem um pouco.

Considerações finais

Este artigo tem por um de seus objetivos incentivar outros pesquisadores a reformular outros (des)encontros acadêmicos Norte-Sul durante a Guerra Fria. Se o “*management* é um fenômeno da Guerra Fria” (KELLEY *et alii*, 2006, p. 603) e o “gestor ideal é um produto da era da Guerra Fria” (McLAREN & MILLS, 2008, p. 386), e, dado o fato de que *management* e, posteriormente, GE foram disseminados pelo mundo na mesma época, é surpreendente que “exista pouca pesquisa sobre o impacto da Guerra Fria na teoria e na prática de *management per se*” (KELLEY *et alii*, 2006, p. 604), particularmente o impacto na América Latina (como exceção, ver FARIA & GUEDES, 2010; e ALCADIPANI & BERTERO, 2012). Além disso, sugerimos que a perspectiva

decolonial e a proposta de um diferente *locus* de enunciação (MIGNOLO, 2011) possam propiciar uma perspectiva crítica adicional a partir da qual (re) construir esses (des)encontros.

Ao longo de mais de 50 anos, Chandler e Furtado analisaram as grandes corporações e o governo a partir de perspectivas diferentes. Somente as contribuições de Chandler foram reconhecidas pelo campo de gestão estratégica, enquanto as propostas de Furtado foram encobertas pela colonialidade epistêmica (IBARRA-COLADO, 2006) do conhecimento do Norte. “Empurrar para o lado” e “enterrar no passado” são duas operações da lógica da colonialidade, “do lado mais negro e invisível da modernidade” (MIGNOLO, 2011, p. 206). Contudo, sugerimos que as produções de ambos os autores são parte de um mesmo fenômeno, da mesma forma como a modernidade e a colonialidade o são, e portanto necessitamos da decolonialidade (MIGNOLO, 2011) para promover o encontro como o pretendido neste artigo.

Sobretudo, o (des)encontro de Chandler e Furtado a partir da perspectiva histórica decolonial apresentada neste artigo ilustra como nosso *locus* como pesquisadores, seja ele

situado em uma “identidade nacional” ou em uma determinada “experiência histórica”, afeta nosso potencial para a geração de conhecimento em *management* e estudos organizacionais. Em outras palavras, concepções do passado são não somente temporais como também espaciais e relacionais. [WEATHERBEE *et alii*, 2012, p. 198]

O campo da gestão estratégica estaria numa melhor posição para atender aos anseios globais (não somente no Sul) se o trabalho de Furtado não houvesse sido desconsiderado por Chandler e os proponentes do capitalismo gerencial que seguiram seu trabalho seminal. Assim, o campo de GE talvez estivesse hoje em melhores condições de enfrentar sua crise de legitimidade para explicar a crise financeira atual dos países desenvolvidos, e propor alternativas ao antes monolítico modelo produzido no Norte. Descolonizar conhecimento(s) como os de Cepal e Furtado pode contribuir para a construção de um campo de *management*, em geral, e GE, em particular, que seja multipolar e plural.

§

Referências bibliográficas

- ALCADIPANI, R.; BERTERO, C.. Guerra Fria e ensino do *management* no Brasil: o caso da FGV-Eaesp. *Revista de Administração de Empresas*, 52 (3), 2012, pp. 284-99.
- BRESSER-PEREIRA, L. "From the National-Bourgeoisie to the National Dependency Interpretation of Latin America. *Latin American Perspectives*, 178, 38 (3), 2011, pp. 40-58.
- CHANDLER, A. D. "The Beginnings of 'Big Business' in American Industry". *The Business History Review*, 33(1), 1959, pp. 1-31.
- _____. *Strategy and Structure: Chapters in the History of the American Industrial Enterprise*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 1962.
- _____. (ed.). *The Papers of Dwight David Eisenhower: The War Years*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1970.
- _____. *The Visible Hand: The Managerial Revolution in American Business*. Cambridge: Harvard University Press, 1977.
- _____. "History and Management Practice and Thought: An Autobiography". *Journal of Management History*, 15 (3), 2009, pp. 236-60.
- _____; MAZLISH, B. *Leviathans: Multinational Corporations and the New Global History*. Londres: Cambridge University, 2005.
- COOKE, B. "Writing the Left out of Management Theory: The Historiography of Management of Change". *Organization*, 6 (1), 1999, pp. 81-105.
- _____; MILLS, A.; KELLEY, E. "Situation Maslow in Cold War America: A Recontextualization of Management Theory". *Group and Organization Management*, 30 (2), 2005, pp. 129-52.
- _____. "Images of Strategy". In CUMMINGS, S.; WILSON, D. (eds.). *Images of Strategy*. Oxford: Blackwell, 2003, pp. 1-40.
- DOSMAN, E. *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- DUSSEL, E. *1492. O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FARIA, A.; GUEDES, A. "What is International Management?" In FARIA, A.; GUEDES, A. (eds.). *International Management and International Relations: A Critical Perspective from Latin America*. Nova York: Routledge, 2010, pp. 1-26.
- FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1959.
- _____. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- _____. "Brazil: What kind of revolution?" *Foreign Affairs*, 41, 1963, pp. 526-35.
- _____. *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966a.
- _____. "U.S. hegemony and the future of Latin America". *The World Today*, 22 (9), 1966b, pp. 375-85.
- _____. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- _____. *Criatividade e dependência na civilização industrial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1978].
- _____. *O capitalismo global*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GOSHAL, S. "Bad Management Theories Are Destroying Good Management Practices". *Academy of Management Learning and Education*, 4 (1), 2005, pp. 75-91.
- GROSFUGUEL, R. "Developmentalism, Modernity and Dependency Theory in Latin America". *Neplanta: Views from the South*, 1 (2), 2002, pp. 347-74.
- HURLEY, A. (rev.). "The Papers of Dwight David Eisenhower: The War Years". *The Journal of American History*, 57 (4), 1971, pp. 896-99.
- IBARRA-COLADO, E. "Organization Studies and Epistemic Coloniality in Latin America: Thinking Otherness from the Margins". *Organization*, 13 (4), 2006, pp. 489-508.
- JACQUES, R. *Manufacturing the Employee: Management Knowledge from the 19th to 21st Centuries*. Londres: Sage, 1996.
- KELLEY, E.; MILLS, A.; COOKE, B. "Management as a Cold War Phenomenon?" *Human Relations*, 59 (5), 2006, pp. 603-10.
- MARIANI, J. *O longo amanhecer: cinebiografia de Celso Furtado*. Rio de Janeiro: Andaluz, 2004.
- MCCRAW, T. K. "The Challenge of Alfred D. Chandler, Jr.: Retrospect and Prospect". *Reviews in American History*, 15(1), 1987, pp. 160-78.
- MCLAREN, P.; MILLS, A. "A product of 'his' time? Exploring the Construct of the Ideal Manager in the Cold War Era". *Journal of Management History*, 14 (4), 2008, pp. 386-403.
- MIGNOLO, W. "Epistemic Disobedience, Independent Thought and De-Colonial Freedom". *Theory, Culture & Society*, 26 (7-8), 2009, pp. 1-23.
- _____. *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Londres: Duke University Press, 2011.
- _____; TLOSTANOVA, M. "Theorizing from the Borders: Shifting to Geo-and Body-Politics of Knowledge". *European Journal of Social Theory*, 9 (2), 2006, pp. 205-21.
- PARMAR, I. "American Foundations and the Development of International Knowledge Networks". *Global Networks*, 2 (1), 2002, pp. 13-30.
- _____. "Strategic Management: the Strengths and Limitations of a Field". In PETTIGREW, A.; THOMAS, R.; WHITTINGTON, R. (eds.). *The Handbook of Strategy and Management*. Londres: Sage, 2002, pp. 4-30.
- PREBISCH, R. *El desarrollo económico de la América Latina y sus principales problemas*. E/CN.12/89. Santiago, Chile, 1949.
- QUIJANO, A. "Modernidad, colonialidad y América Latina". *Neplanta: Views from the South*, 1 (3), 2000, pp. 533-80.
- ROSTOW, W. *The Stages of Economic Growth: A Non-Communist Manifesto*. Cambridge: Cambridge University Press, 1960.
- _____. "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes". In SANTOS, B.S.; MENESES, M. (eds.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 31-83.
- SMOTHERS, J.; HAYEK, M.; BYNUM, L.; NOVICEVIC, M.; BUCKLEY, M.; CARRAHER, S. "Alfred D. Chandler, Jr.: Historical Impact and Historical Scope of His Works". *Journal of Management History*, 16 (4), 2010, pp. 521-26.
- SPECTOR, B. "The Harvard Business Review Goes to War". *Management & Organizational History*, 1 (3), 2006, pp. 273-95.
- SUNKEL, O. "Big Business and 'Dependencia'". *Foreign Affairs*, 50, 1972, pp. 517-31.
- WEATHERBEE, T.; DUREPOS, D.; MILLS, A.; MILL, J. H. "Theorizing the Past: Critical Engagements". *Management & Organizational History*, 7 (3), 2012, pp. 193-202.
- _____. "Conclusion: Doing More in Strategy Research". In WHITTINGTON, R.; PETTIGREW, A.; THOMAS, R. (eds.). *The Handbook of Strategy and Management*. Londres: Sage, 2002, pp. 475-88.

Recebido em 24/10/2012
e aceito em 6/3/2013